



VOLUME - V.3  
NÚMERO - N.1  
DEZ. - 2025  
ISSN: 2966-1439  
P.163-185

## CONSTRUÇÕES COM VERBOS LEVES NO PB E EM OUTRAS LÍNGUAS NATURAIS: PONTOS DE CONVERGÊNCIAS E DISSONÂNCIAS

CONSTRUCTIONS WITH LIGHT VERBS IN BP AND OTHER NATURAL LANGUAGES:  
POINTS OF CONVERGENCE AND DISSONANCE

Daniela Almeida Alves<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho, discutimos a formação de construções com verbos leves em diferentes línguas naturais, considerando, entre outros aspectos, a capacidade de seleção argumental e a atribuição de papéis temáticos, bem como as restrições de combinação impostas pelos elementos que as constituem, a fim de compreender, primeiramente, os pontos que aproximam e distanciam essas sentenças em variadas línguas para, posteriormente, verificar o que acontece nesse tipo de formação com os verbos *dar* e *fazer* no português brasileiro. Para tanto, realizamos uma revisita a estudos, principalmente de base gerativista (Grimshaw; Mester, 1988; Samek-Lodovici, 2003; Scher, 2004; Duarte et al., 2010 etc.) que tratam da temática, e da análise de dados escritos que compõem o *corpus* construído por Alves (2022). Os resultados revelaram que o nome dessas construções, com o qual o verbo leve se associa, é o principal elemento nuclear, responsável pela seleção semântica e sintática dos argumentos externo e mais interno, o PP. Já o verbo leve tem papel fundamental na projeção da posição a ser ocupada pelo argumento externo, pois o elemento nominal não dispõe dessa capacidade (Alexiadou, 2001). Esse, inclusive, foi o principal ponto de dissonância entre os estudos investigados e a proposta defendida. Ademais, as restrições de combinação entre verbo e nome ocorrem devido ao conjunto de traços que definem esses dois elementos. Este estudo justifica-se à medida que busca suscitar reflexões quanto às propriedades predicacionais dos itens constitutivos dessas sentenças.

**Palavras-chave:** Construções com verbos leves. Línguas naturais. Pontos de convergências e divergências.

**ABSTRACT:** In this paper, we discuss the formation of constructions with light verbs in different natural languages, considering, among other aspects, the capacity for argument

---

<sup>1</sup> Doutora em Língua e Cultura/Linguística pela Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: daniela.ufs2024@academico.ufs.br

selection and the assignment of thematic roles, as well as the combinatorial constraints imposed by their constituent elements. We first understand the points that bring these sentences together and separate them in various languages and, subsequently, verify what happens in this type of sentence with the verbs *dar* (give) and *fazer* (make) in Brazilian Portuguese. To this end, we revisited studies, mainly generative (Grimshaw; Mester, 1988; Samek-Lodovici, 2003; Scher, 2004; Duarte et al., 2010, etc.) that address this topic, and analyzed written data that comprise the corpus constructed by Alves (2022). The results revealed that the name of these constructions, with which the light verb is associated, is the main nuclear element, responsible for the semantic and syntactic selection of the external and innermost arguments, the PP. The light verb, on the other hand, plays a fundamental role in projecting the position to be occupied by the external argument, as the nominal element lacks this capacity (Alexiadou, 2001). This, in fact, was the main point of dissonance between the studies investigated and the proposed approach. Furthermore, the restrictions on the combination of verb and noun occur due to the set of features that define these two elements. This study is justified as it seeks to spark reflections on the predicational properties of the constituent items of these sentences.

**Keywords:** Constructions with light verbs. Natural languages. Points of convergence and divergence.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, descrevemos o comportamento de construções com verbos leves (doravante, CVLs) em diferentes línguas naturais – românicas, germânicas e asiáticas -, apresentando alguns pontos de convergências e de dissonâncias acerca das propriedades que caracterizam esse tipo de sentenças, como estrutura sintática, grade argumental e restrições de combinação, tanto envolvendo questões de transitividade verbal quanto de aspectualidade, a fim de melhor entendermos a formação dessas construções, bem como o comportamento dos elementos que as compõem no português brasileiro (daqui para frente, PB).

Para tanto, revisitamos estudos sobre CVLs no intuito de apontar as principais generalizações a que os linguistas que se dedicaram a investigar tais formações chegaram e que são importantes para o entendimento pretendido. Ademais, analisamos dados escritos de um *corpus* que Alves (2022) construiu para a sua tese de doutoramento, com sentenças do PB, formadas pela combinação dos verbos leves *dar* e *fazer* com nominalizações derivadas com os sufixos *-ada*, *-ção* e *-mento*, coletadas em mídias digitais com o auxílio da ferramenta de busca Google.

A escolha de análise de sentenças com esses verbos se deve ao fato de comporem o conjunto de verbos mais produtivos nas línguas. Translinguisticamente, de acordo com Alba-Salas (2002), o verbo leve mais produtivo é *fazer*, haja vista que ocorre em uma grande variedade de línguas, como o japonês (*suru*), o inglês (*make*), o italiano (*fare*), o espanhol (*hacer*), o francês (*faire*), o português europeu, o PB entre outros<sup>2</sup>. Outro verbo leve encontrado, com frequência, em variadas línguas é *dar* (e.g., no inglês (*give*), no italiano (*dare*), no francês (*donner*), no espanhol, no português europeu e brasileiro etc.<sup>3</sup>). Já a delimitação dessas nominalizações ocorre porque, além de serem os sufixos mais produtivos no PB (Rocha, 1999), construções com a combinação *dar* e *fazer* mais nominalizações com os sufixos supramencionados foram pouco exploradas, com exceção da combinação envolvendo *dar* mais nominalizações em *-ada* que já foram discutidas em alguns trabalhos, por exemplo, o de Scher (2004).

A abordagem sobre a estrutura argumental nos permitirá identificar qual dos elementos que compõem as CVLs, verbo ou nome, é o responsável pela seleção dos argumentos e atribuição de papel temático. Na literatura linguística, o elemento responsável pela seleção semântica, número de argumentos e papéis temáticos correspondentes, e de seleção sintática, categoria de cada argumento e a relação gramatical que assume dentro da sentença é o verbo, chamado verbo pleno (Duarte, 2003). Mas como isso acontece em construções em que o verbo é assumido como semanticamente vazio? Seria o nome o responsável por carregar tais propriedades? Essa identificação possibilitará, portanto, compreender qual é o principal núcleo dessas construções, visto que tem sido defendido que o nome é o elemento nuclear, responsável pela significação da sentença (Moura Neves, 1996; Scher, 2004; Castilho, 2010; Duarte *et al.*, 2010; Alves, 2016, 2022; Alves; Figueiredo, 2018 etc.) e o verbo apenas um apoio<sup>4</sup>, trazendo informações gramaticais, como marcas modo-temporal.

As discussões sobre as restrições aspectuais serão fundamentadas, sobretudo pelas ideias de Vendler (1976) e Smith (1997). A *aktionsart* (aspecto lexical), segundo Smith (1997), é chamado de aspecto de situação e diz respeito às propriedades semânticas

---

<sup>2</sup> Ver sobre o verbo leve *fazer* nessas línguas, respectivamente, em Grimshaw e Mester (1988), Kearns (2002), Samek-Lodovici (2003), Romero-Méndez (2005), Alba-Salas, (2002), Duarte *et al.* (2009).

<sup>3</sup> Sobre o verbo leve *dar*, nessas línguas, ver, respectivamente, Kearns (2002), Butt (2003), Samek-Lodovici (2003), Alba-salas (2002), Romero-Méndez (2005), Duarte *et al.* (2010), Scher (2004).

<sup>4</sup> Esse comportamento é a razão de trabalhos da corrente funcionalista nomearem os verbos, desse tipo de construção, como verbos suporte (Moura Neves, 1996; Castilho, 2010 etc.).

inerentes às raízes verbais. A autora considera o aspecto lexical como a maneira que os falantes percebem as situações internamente. Partindo dessas noções, Vendler (1967) e Smith (1997) afirmam que os verbos de uma língua podem ser distribuídos em cinco tipos de classes acionais, a saber: estados, atividades, *accomplishments*, *achievements* e semelfactivos.

A distinção entre essas cinco classes acionais se dá pela combinação de três traços aspectuais: dinamicidade, duração e telicidade, os quais podem ser inerentes à raiz ou ser interpretados pela constelação verbal (verbos e seus complementos). Diante disso, verbos como *correr* são considerados de *atividade* porque podem ser definidos pelos traços [+dinâmico], [+durativo] e [-télico]; verbos como *saber* são considerados de *estado* porque podem ser definidos pelos traços [-dinâmico], [+durativo] e [-télico]; verbos como *escrever* são considerados de *accomplishments* porque podem ser definidos pelos traços [+dinâmico], [+durativo] e [+télico]; verbos como *cair* são considerados de *achievements* porque são definidos pelos traços [+dinâmico], [-durativo] e [+télico]; e verbos como *piscar* são considerados *semelfactivos* porque são definidos pelos traços [+dinâmico], [-durativo] e [-télico], indicando uma ação reiterada, pois não é possível piscar só uma vez. Os verbos de *achievements* apresentam um subtipo, denominado *degree achievement*, sendo caracterizados como elementos que veiculam eventos que envolvem a aproximação gradual a uma meta. Os *degree achievements* aceitam tanto a expressão durativa *por X tempo* (A água baixou por uma hora), o que comprova sua duratividade, como *em X tempo* (Maria emagreceu em dois anos), o que comprova sua telicidade, porém, embora aceitem essas expressões durativas, eles expressam mais claramente a telicidade com a expressão *às X horas* (em ponto) (Às 14h00, João resolveu o problema), que é a expressão usada para os verbos de *achievements*. Para conhecer mais sobre verbos desse tipo, ver Dowty (1979), Lin (2004) e Basso e Ilari (2004). Essa discussão, particularmente, interessa a este estudo, dado que as CVLs do PB a serem analisadas são compostas de nominalizações deverbais. Logo, verificaremos se esses traços interferem na combinação de verbo mais nome nas CVLs.

O presente texto está organizado da seguinte maneira: em 1, apresentamos a definição geral das CVLs, ressaltando que não há uma consensualidade e indicando o porquê desse comportamento, a partir da exposição do modo como essas sentenças se manifestam em línguas naturais diversas, como também tratamos da seleção de

argumentos e atribuição de papéis temáticos nessas construções, principalmente com a presença do verbo *dar*<sup>5</sup>; em 2, discorreremos a respeito das (im)possibilidades de combinação dos verbos leves aos elementos nominais, seja no tocante às questões de transitividade ou de aspectualidade. Por fim, em 3, apresentamos as considerações finais.

## 1 ESTRUTURA DA SENTENÇA E GRADE ARGUMENTAL DAS CVLs EM LÍNGUAS ROMÂNICAS, GERMÂNICA E ASIÁTICAS: ASPECTOS APROXIMANTES E DISTANCIADORES

CVLs, também conhecidas como “predicados complexos”, são um fenômeno identificado em uma variedade de línguas, com uma gama de estrutura bastante diversificada. Em muitos casos, esse termo é empregado para se referir a construções envolvendo a combinação de *verbo mais verbo*, conforme verificamos no exemplo da língua asiática urdo, em (1); de *nome mais verbo*, como vemos em (2), um exemplo do japonês, outra língua asiática; e de *verbo mais nome*, como observamos em (3a), um exemplo de uma língua germânica, o inglês, e em (3b, c, d, e, f), exemplos de línguas românicas<sup>6</sup>. Além disso, essas construções também podem ocorrer com um PP<sup>7</sup>.

### 1) Urdo

nadya=ne          makan          bana    di-ya

‘Nadya.F=Erg    house.M.Nom    make    give-Perf.M.Sg

“Nadya casa<sub>Nome</sub>    fazer<sub>Verbo pleno</sub>    dar<sub>Verbo leve</sub>”

‘Nadya built a house (completely, for somebody else)’.

“Nadya fez uma casa (completamente, para outra pessoa)”.

(Adaptado de Butt, 2003, p. 2)

<sup>5</sup> Por questões de espaço e, ainda, de não finalização da proposta de análise, neste estudo, a discussão sobre seleção argumental e atribuição de papéis temáticos no PB será concentrada no verbo leve *dar*, contudo o tratamento das restrições de combinação, na seção 2, envolverá os dois verbos: *dar* e *fazer*.

<sup>6</sup> Os exemplos foram adaptados para deixar mais evidente como se dá a estrutura da construção. Além disso, nas frases, exceto as do português europeu e as do PB, as aspas simples estão sendo usadas para a tradução em inglês e as aspas duplas para a tradução em PB.

<sup>7</sup> Algumas siglas apresentadas no texto: DP = *Determiner Phrase* ou Sintagma Determinante; NP = *Nominal Phrase* ou Sintagma Nominal (SN); PP = *Prepositional Phrase* ou Sintagma Preposicional.

2) Japonês

John-wa murabito-ni [[ookami-ga kuru-to]-no KEIKOKU]-o shita.  
 ‘John-Top villager-to wolf-Nom come-Comp-Gen warn-Acc suru’  
 “John aldeão-para lobo-Nom chegar-geritivo aviso-Nome-acc fazer<sub>pass.VL</sub>  
 ‘John warned the villagers that the wolf was coming’.  
 “John fez (um) aviso para o aldeão de que o lobo estava chegando”.

(Adaptado de Grimshaw; Mester, 1988, p. 212)

3) a. Inglês

Fred gave anchovies a try  
 “Fred dar-pass.-Verbo leve anchovasNome uma experimentadaNome”  
 “Fred deu uma experimentada nas anchovas”.

(Adaptado de Campbell, 1989, p. 12)

b. Italiano

Dare una lavata alle camicie  
 ‘to.give a washing to.the shirts’  
 “dar-infinit.-Verbo leve uma lavadaNome a.o camisa<sub>app</sub>”.  
 ‘To wash the shirts’.  
 “Dar uma lavada na camisa”.

(Adaptado de Samek-Lodovici, 2003, p. 837)

c. Espanhol

Jacinto hizo una llamada.  
 ‘Jacinto made a call’.  
 “Jacinto fez<sub>Verbo leve</sub> uma chamadaNome”.

(Adaptado de Romero-Méndez, 2005, p. 29)

d. Francês

Mario a fait une entrée spectaculaire.  
 ‘Mario made a spectacular entrance’.  
 “Mário fez<sub>Vebo leve</sub> uma entradaNome espetacular”.

(Adaptado de Alba-Salas, 2002, p. 359)

e. Português Europeu

A Maria deu<sub>Verbo leve</sub> uma arrumadela<sub>Nome</sub> ao quarto<sub>PP</sub>.

(Duarte; Gonçalves; Miguel, 2006, p. 320)

f. Português Brasileiro

O agente sanitário deu<sub>Verbo leve</sub> uma vasculhada<sub>Nome</sub> no local<sub>PP</sub>.

(Scher, 2004, p. 27)

Segundo Butt (2003), o urdu é uma língua SOV (sujeito-objeto-verbo) com uma ordem de palavras bastante livre. Nessa língua, ocorrem CVLs tanto com a estrutura Verbo + Verbo, como em (1), na qual o verbo leve (VL) é a forma flexionada *di*, quanto com a estrutura Nome + Verbo, assemelhando-se às CVLs do japonês, como verifica-se em (2) acima.

Conforme Alba-Salas (2002), das diferenças estruturais das CVLs deriva o fato de que não há uma definição universalmente aceita de CVL além da visão tradicional de que ela envolve um verbo semanticamente vazio. Na literatura especializada, a definição mais frequente é: *CVL é constituída por um verbo semanticamente vazio, portador de marcas de tempo e pessoa, e um elemento nominal, principal atribuidor do conteúdo semântico da construção* (Grimshaw; Mester, 1988; Moura Neves, 1996; Alba-Salas, 2002; Alves, 2022 etc.)

Essa, no entanto, não é uma definição consensual, visto que há estudos que defendem que o verbo leve não é semanticamente vazio, mas incompleto, no sentido de que contribui com informação aspectual para a predicação complexa (Butt, 2003; Scher, 2004; Duarte *et al.*, 2010; Alves, 2016; Alves; Figueiredo, 2018). Ademais, tem quem afirme que verbos leves podem impor restrições de combinação<sup>8</sup> a seus complementos, porém não lhes atribuem propriedades temáticas; logo, o nome complemento do verbo leve deve ser um predicado<sup>9</sup> (Grimshaw; Mester, 1988; Campbell, 1989; Samek-Lodovici, 2003 etc.).

<sup>8</sup> Falaremos sobre essas restrições na próxima seção.

<sup>9</sup> Esse termo não está sendo empregado, neste trabalho, no mesmo sentido da gramática tradicional, mas no sentido de predicador ou palavra predicativa, cobrindo palavras que tenham argumentos, lugares vazios ou valência própria (Duarte; Brito, 2003)

Para além de não haver unanimidade na definição de CVL, também a maneira como se considera que o verbo leve e o nome contribuem para a seleção de argumentos e para as funções temáticas da construção vem sendo alvo de diversas propostas. Grimshaw e Mester (1988) defendem que no japonês o verbo leve permite que o nome seja o predicado e licencie os argumentos da construção, contudo continua atribuindo Caso acusativo. Os autores, em análise da CVL em (2), com o verbo leve *suru* (fazer) e o nome de evento *keikoku* (aviso), afirmam que *suru* é tematicamente incompleto e, por conta disso, recebe papéis temáticos do nome com o qual se combina, uma vez que o nome sozinho não pode projetar seus argumentos além de seu nível frasal. Consequentemente, os papéis temáticos do nome devem ser transferidos para o verbo leve por um processo denominado *transferência argumental*, como representado em (4).

- 4) a. *suru* ( )<sup>10</sup> (acc)  
b. *keikoku* (agente, meta, tema)  
c. *keikoku* (agente, meta, tema) + *suru* (acc)  
d. *keikoku* ( ) + *suru* (agente, meta, tema) (acc)  
e. *keikoku* (tema) + *suru* (agente, meta) (acc)

(Adaptado de Grimshaw; Mester, 1988, p. 212)

Grimshaw e Mester explicam que o nome, em uma CVL, pode transferir todos os papéis temáticos para o verbo (cf. (4d)) ou deixar de transferir o tema (cf. (4e)), por exemplo.

Numa ótica que se aproxima à de Grimshaw e Mester, Samek-Lodovici (2003), em análise de CVLs do italiano, argumenta em favor de que o verbo leve se caracteriza por apresentar não uma estrutura argumental totalmente vazia, mas incompleta. Para o autor, o verbo leve herda a estrutura argumental da sua contraparte plena, porém não a interpretação semântica, assim, os argumentos que a preenchem são interpretados de acordo com a Estrutura Lexical Conceitual do nome. Samek-Lodovici é da opinião de que o verbo leve tem apenas variáveis argumentais<sup>11</sup> (a-variáveis) não especificadas

<sup>10</sup> Os parênteses vazios significam que a estrutura de argumento está vazia.

<sup>11</sup> De acordo com Samek-Lodovici (2003), a-variáveis são posições argumentais sem especificação temática. Segundo o autor, as a-variáveis e a Estrutura Lexical Conceitual são duas vertentes separadas dos argumentos, ou seja, independentemente acessíveis.

tematicamente na estrutura de argumentos. Por conseguinte, na formação da CVL, o verbo leve passa a ter argumentos adicionados pelo nome, que possui argumentos especificados, por um processo de apagamento e transferência de índices. Em (5), estão representados como ocorre a transformação do verbo pleno em verbo leve e a formação da nominalização e, depois, como acontece a formação da CVL no italiano.

### 5) Formação do verbo leve e da nominalização

- a.  $dare (u_i (v_j (w_k))) \rightarrow dare_{leve} (u (v (w)))$   
 a'.  $lavare (x_i (y_k)) \rightarrow lavata (z_{ev} (<x>_i (y_k)))$

#### Formação da CVL

- b. Antes:  $dare_{leve} (u (v (w))) + lavata (z_{ev} (<x>_i (y_k)))$   
 b'. Depois:  $dare_{leve} (u_i (v_k (w_{ev}))) + lavata (z_{ev} (<x>_i (y_k)))$

(Adaptado de Samek-Lodovici, 2003, p. 838-847)

Em (5a), tem-se a transformação do verbo pleno *dare* (dar) em verbo leve, a qual ocorre por um processo que elimina seus índices temáticos. Já em (5a'), tem-se a formação da nominalização *lavata* (lavada), que se dá por um processo em que o nome herda a estrutura de argumentos de sua base verbal *lavare* (lavar), todavia suprimindo o argumento externo, representado por  $<x>^{12}$ , e inserindo um argumento evento,  $z_{ev}$ , na posição mais proeminente da nominalização, representado por uma nova a-variável e um índice temático. Por sua vez, em (5b), é demonstrado como acontece a formação da CVL. Nessa formação, os índices na estrutura de argumento do nome são transferidos para as a-variáveis preservadas, mas sem índices do verbo leve. A expressão final mantém duas estruturas de argumentos distintas, uma para o verbo leve e outra para o nome, no entanto os argumentos do verbo leve referem-se às mesmas variáveis da Estrutura Lexical Conceitual dos argumentos do nome, determinando o significado geral. Já o argumento externo da CVL torna-se licenciado pelo verbo leve, haja vista que foi suprimido da estrutura argumental do nome. Em outros termos, para Samek-Lodovici, verbos leves têm uma estrutura plenamente especificada para o argumento externo.

<sup>12</sup> Os colchetes angulares, neste caso, representam os argumentos suprimidos. Vale destacar que, segundo Samek-Lodovici, somente a a-variável, mas não o índice temático *i*, é suprimida.

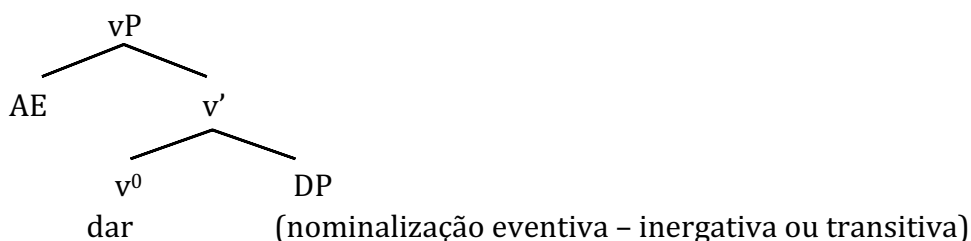
Duarte *et al.* (2010) também defendem que no português europeu (PE) tanto o verbo leve quanto o nome contribuem para as propriedades da CVL, sendo a estrutura argumental e a atribuição de papéis temáticos determinadas simultaneamente pelos dois constituintes, através da combinação das suas estruturas temáticas. Semelhantemente, Romero-Méndez (2005) afirma que, no espanhol, a estrutura de argumentos da CVL é licenciada pela combinação da Estrutura Lógica de ambos os elementos que a constituem. Butt (2003) também se aproxima dessa discussão ao mencionar que, no urdo, uma das características de um predicado complexo como CVL, é justamente o fato de a estrutura argumental ser complexa no sentido de dois ou mais elementos predicacionais se combinarem para predicar como um único elemento, selecionando conjuntamente seus argumentos.

Diferentemente do que apontam os autores supracitados, Kearns (2002) relata que, no inglês, considerando que possui dois tipos de CVLs, construção com verbo leve verdadeiro (CVLV) e construção com verbo de ação vaga (CVAV), a marcação temática apresenta um comportamento variável. Nas CVLVs, o verbo é usado para projetar um sintagma, de acordo com sua Estrutura de Argumento Sintático, mas a sua Estrutura Lexical Conceitual não está ativa, desse modo, não tem conteúdo semântico e seu potencial poder de marcação temática está inativado. Para salvar a estrutura, o verbo deve adquirir conteúdo semântico, o que faz tomando como complemento mais próximo um nome predicado. Esses nomes, por sua vez, não contam com uma Estrutura de Argumento Sintático, contudo a sua Estrutura Lexical Conceitual está ativa. Portanto, o verbo toma um nome predicado como seu complemento, que se torna temático. Já nas CVAVs, o verbo funciona como um verbo transitivo completo, tomando nomes, denotando ação, como argumentos sintáticos e temáticos; logo o verbo pode marcar tematicamente seu complemento, uma vez que sua Estrutura Lexical Conceitual não está inativada.

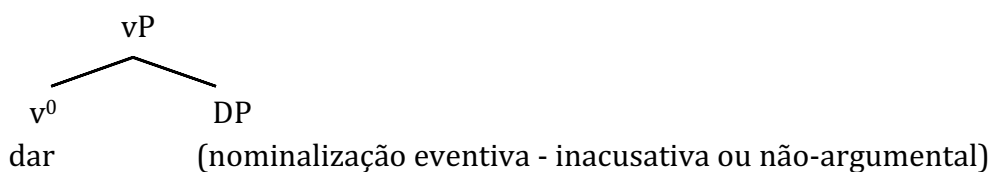
Já no PB, Scher (2004), em análise das CVLs com *dar* mais nominalizações em *-ada*, ressalta que existem, pelo menos, dois verbos leves *dar* com valor de predicado. Para a autora, dependendo do predicado que entra na derivação da sentença, um argumento externo, ou seja, um constituinte que caracterize semanticamente um iniciador, um causador ou um agente será selecionado e projetado pelo verbo leve *dar*. Nesse caso, terá entrado na derivação um *dar* leve do tipo DO/CAUSE, que projeta um Spec e também

seleciona um DP eventivo, que pode ser inergativo<sup>13</sup> ou transitivo. Todavia, se tiver entrado na derivação um predicado que não selecione um argumento externo, isto é, um predicado expresso por um verbo inacusativo ou por um verbo que não projeta argumento, um *dar* leve, do tipo BECOME/HAPPEN, que não projeta Spec e que seleciona apenas um DP eventivo, também estará nessa derivação. As estruturas dessas sentenças, na ótica de Scher, são como as que seguem, respectivamente, representadas em (6) e (7).

6) *dar* = DO/CAUSE



7) *dar* = BECOME/HAPPEN



(Scher, 2004, p. 208-209)

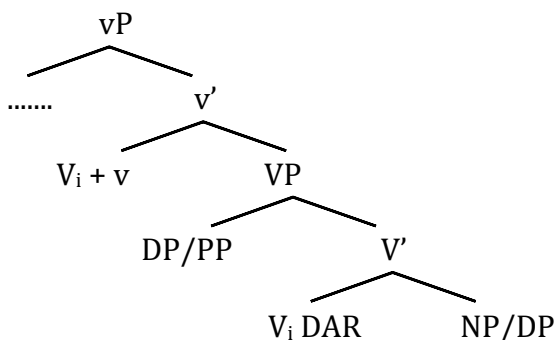
Choupina e Brito (2018) apresentam uma proposta que vai ao encontro da de Scher (2004). Elas argumentam que no PE, quando o verbo leve *dar* não se combina com nomes deverbais de movimento (e.g., *dar uma caminhada*) e de atos/reações do corpo (e.g., *deu um gemido*), *dar* é um verbo bitransitivo, e a agentividade é o traço semântico associado ao argumento externo. Contudo, quando *dar* leve se combina com nomes deverbais denotando movimento e atos/reações do corpo, não é a agentividade o traço semântico associado ao argumento externo; o argumento externo é um experienciador. Isso, no entendimento das autoras, permite concluir que, com esta classe de verbos, é

<sup>13</sup> Verbos inergativos e inacusativos são monoargumentais, subtipos dos chamados verbos intransitivos pelas gramáticas tradicionais (Duarte, 2003).

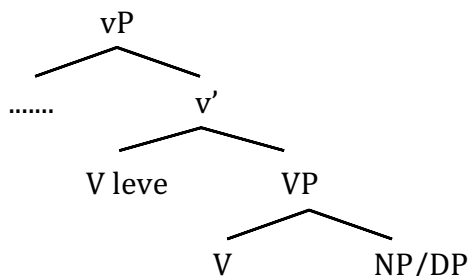
claramente a raiz verbal do nome e não *dar* que é responsável pela interpretação do chamado argumento externo.

Assim, para Choupina e Brito, há pelo menos dois valores distintos para o verbo leve *dar* no PE: a) um em que *dar* leve tem três argumentos e, nesse sentido, aproxima-se de *dar* pleno; e b) outro em que *dar* é verdadeiramente leve e tem dois argumentos. Esse primeiro *dar*, chamado DAR 2, é gerado numa posição baixa na estrutura, V, idêntica à de *dar* pleno, nomeado DAR 1, diferenciando-se dele por formar um predicado complexo com o nome deverbal com o qual se combina, o que explica que o argumento externo seja marcado tematicamente pelo V e pelo nome deverbal. Por outro lado, o segundo verbo leve *dar*, denominado DAR 3, é gerado na posição de *v*. Em qualquer um dos casos, segundo as autoras, o verbo leve seleciona um NP ou um DP indefinido ou quantificado. Essas possibilidades estruturais de *dar* leve estão representadas, respectivamente, em (8) e (9).

8) DAR 2



9) DAR 3



(Choupina; Brito, 2018, p. 172)

Entretanto, neste trabalho, discordamos de Choupina e Brito no que diz respeito ao argumento externo das CVLs *dar uma caminhada* e *dar um gemido* ser interpretado

como experienciador, haja vista que, de acordo com Haegeman (1997, p. 49), experienciadores são entidades que experimentam algum estado psicológico expresso pelo predicado e, nesses casos, vê-se que os elementos a ocuparem o lugar de argumento externo são entidades agentivas, que iniciam a ação expressa pelo predicado. Também não concordamos com a afirmação das autoras de que o verbo leve *dar* pode ser bitransitivo e, por conseguinte, selecionar três argumentos. Ao nosso ver, o terceiro argumento que pode ocorrer numa CVL, aquele argumento mais interno, o PP, não é selecionado pelo verbo, mas pelo elemento nominal. Isso tanto é verdadeiro que na relação *Maria deu uma arrumação na casa vs. Maria arrumou a casa*, há a preservação dos mesmos elementos. Além disso, se a nominalização for derivada de uma base transitiva indireta, como em *João deu uma escapada de Salvador neste fim de semana por um bom motivo*, é preservada a mesma preposição *de* exigida pela base da nominalização, visto que “quem escapa, escapa *de* algum lugar ou *de* alguém”. Essa discussão vai ao encontro do que defende Scher (2004). Essa autora ainda acrescenta que, se a base da nominalização for transitiva direta, a preposição a introduzir o PP será majoritariamente *em* (e.g., *Joana deu uma ajeitada no cabelo*), todavia também é possível que ocorra as preposições *a/para* (e.g., *A candidatura de João vai dar um revigoramento às eleições*); já se a base da nominalização for intransitiva do tipo inergativa (e.g., *Pedro deu uma caminhada*), a construção não terá um PP.

Choupina e Brito, em nota, também destacam que, embora tenha quem aproxime verbos leves de auxiliares, considerando que são esvaziados de sentido, mesmo portando valor aspectual ou de quantidade, se distanciam desta visão e defendem que *dar* leve no PE não é próximo dos auxiliares, propondo que, quando há um argumento externo com traços de agentividade, *dar* possui significado lexical, ainda que mais fraco do que o da sua versão plena. Nesse ponto, também verificamos outro problema na análise das autoras, pois no exemplo que elas apresentam, *O João deu um empurrão ao amigo* (Choupina; Brito, 2018, p. 164), em que o argumento externo é agentivo, entendemos que não é possível recuperar a noção de transferência de posse, nem qualquer outro conteúdo lexical/descritivo em *dar*. Dessa maneira, nos distanciamos do posicionamento das pesquisadoras na medida em que consideramos que, no PB, nas CVLs com *dar*, o elemento verbal não expressa nenhum conteúdo semântico.

Uma evidência de que *dar* é esvaziado semanticamente e que não interfere na seleção e interpretação do argumento externo, é que o papel temático desse elemento varia de acordo com a base da nominalização: a) *O bloco<sub>CAUSADOR</sub> deu uma empolgada na plateia* vs. *O bloco<sub>CAUSADOR</sub> empolgou a plateia*; b) *João<sub>AGENTE</sub> deu uma remada no lago* vs. *João<sub>AGENTE</sub> remou no lago*. Dessa forma, verifica-se que, se a base da nominalização for transitiva, que exige um argumento externo semanticamente caracterizado como agente ou causador, ou seja, uma base verbal do tipo DO ou CAUSE, respectivamente, o papel temático do argumento externo da CVL é o mesmo da construção com o verbo pleno correspondente, base derivante do nome. Contudo, nesses casos, *dar* leve abre/projeta a posição de argumento externo, uma vez que a nominalização não pode projetar esse elemento (Alexiadou, 2001). Essa capacidade de *dar* projetar o argumento externo da CVL é adquirida, provavelmente, a partir da percolação<sup>14</sup> (Radford, 1997; Teixeira de Sousa, 2010 etc.) de alguns traços, como [+agente], [+causa] etc., da base da nominalização para o nó terminal onde *dar* leve será inserido.

Portanto, consideramos que Choupina e Brito (2018) e Scher (2004) não foram muito felizes ao afirmarem que há dois verbos leves *dar*. Primeiramente, não há um *dar* leve que seleciona três argumentos e outro que seleciona dois argumentos. O verbo leve *dar* tem apenas a função de projetar a posição de um argumento, o externo, a depender da base da nominalização com a qual se combina, e, em todos os casos, esse argumento será interpretado segundo as propriedades da nominalização; além disso, *dar* leve também não tem nenhuma relação com a seleção e projeção do PP. Segundo, não é o verbo leve *dar* que pode ser do tipo DO/CAUSE ou BECOME/HAPPEN, mas são as bases da nominalização com que *dar* se combina que apresentam essas propriedades. *Dar* leve até pode, em alguns casos, refletir, após atrair traços da base do elemento nominal, propriedades da base nominal e projetar o argumento externo ou deixar de projetá-lo em outros casos.

## 2 RESTRIÇÕES DE COMBINAÇÕES DOS VERBOS LEVES

---

<sup>14</sup> Percolação, segundo Radford (1997, p. 268), é uma operação de atração pela qual um traço que está vinculado a uma categoria passa a ser vinculado a outra categoria superior na estrutura. Uma proposta de representação sobre como a percolação acontece nessas construções está em processo de desenvolvimento.

A respeito das restrições de combinação do verbo leve, Samek-Lodovici (2003) relata que, no italiano, o verbo leve *dare* só se combina com nomes derivados de base transitiva e o verbo leve *fare* (fazer) com nomes de bases inacusativa e inergativa. No PB, no entanto, os verbos leves *dar* e *fazer* podem ocorrer associados a nomes derivados de bases transitiva (cf. (10a)), inergativa (cf. (10b)) e inacusativa (cf. (10c))<sup>15</sup>. As restrições no PB são de outra natureza, por exemplo, traços semânticos das eventualidades denotadas pelos nomes.

- 10) a. Maria *deu/fez uma arrumação* nos livros.  
b. Hoje *dei/fiz uma caminhada* na praia.  
c. João *deu/fez um acabamento* perfeito no sofá.

No urdo, em que na CVL há a combinação de verbo mais verbo, Butt (2003) aponta uma restrição que se assemelha à do italiano. Conforme a pesquisadora, um verbo leve inacusativo, por exemplo, só pode combinar com verbos inacusativos e verbo leve transitivo só pode combinar com a maioria dos verbos transitivos e inergativos, mas não com verbos inacusativos. Nessa língua, Butt argumenta que o verbo leve está sempre associado a algumas delimitações semânticas como força, volição ou beneficiário. No espanhol, de acordo com Romero-Méndez (2005), a combinação do verbo leve com o nome exige que haja alguma familiarização semântica entre ambos os elementos. Já no PE, segundo Duarte *et al.* (2010), os verbos leves *dar* e *fazer* se combinam preferencialmente com nomes derivados de verbos que requerem um argumento que seja um sujeito causador ou desencadeador do evento, como se vê pelo contraste em (11), (12) e (13).

- 11) a. O João deu uma *olhadela* ao livro.  
b. O João fez uma *promessa* à Maria.
- 12) a. O João deu um *assobio*.  
b. O João fez um *sorriso* triste.
- 13) a. \*O João deu um *desmaio* ligeiro.

<sup>15</sup> Exemplos sem indicação de fonte ou referência estão sendo sugeridas por nós para este estudo.

b. \*O João fez um *desmaio* ligeiro.

(Duarte *et al.*, 2010, p. 1861)

Comparando as sentenças do PE em (13) com o PB, nota-se uma diferença: no PB é possível encontrar construções em que *dar* leve se combina com nomes derivados de verbos que não exigem um sujeito causador ou desencadeador do evento, como se verifica nos exemplos em (14), a seguir, que compõem o *corpus* construído por Alves (2022)<sup>16</sup>. Porém, observa-se uma semelhança, pois, também no PB, *fazer* leve não aparece combinado com nomes derivados de verbos que não manifestam tais exigências. Esses fatos parecem ocorrer porque *dar* leve só não se associa a nomes estativos ou que não carregam a noção de reversibilidade da completude e *fazer* leve só não se associa a nomes que têm os traços [-dinâmico] e [+instantâneo], conforme falaremos mais adiante. Dessa forma, o verbo leve *dar* pode se combinar com nomes que têm como base os verbos *desmaiar* e *emagrecer*, visto que, embora esses verbos, que são do tipo *degree achievements*, não exijam um sujeito causador ou desencadeador do evento, permitem que sua completude seja revertida, contudo, a não exigência desse tipo de sujeito impede a combinação de nomes derivados desses verbos com *fazer* leve.

- 14) a. Pô, o cara tem que trabalhar. Que é que tem tomar um remedinho para aguentar mais tempo acordado? É verdade que às vezes um caminhoneiro *dá uma desmaiada* no volante e mata um monte de gente. Mas é a vida...
- b. Isis Valverde *deu uma emagrecida* e a silhueta mudou. A atriz afirmou que perdeu 6kg.

No que tange à *aktionsart* do nome deverbal no PE, Duarte *et al.* (2010) ressaltam que esses mesmos verbos leves se combinam com nomes derivados de verbos que expressam processo (cf. (15)) e processo culminado (cf. (16)), os chamados, respectivamente, verbos de atividade e de *accomplishment*; mas não se combinam com nomes derivados de verbos que denotam culminação (cf. (17)), também chamado de verbo de *achievement*, e que denotam estado (cf. (18)).

---

<sup>16</sup> Para maiores detalhes sobre a metodologia de análise do *corpus* de Alves (2022), sugerimos a leitura do trabalho da pesquisadora.

- 15) a. O Pedro deu uma corrida.  
b. As bailarinas fizeram um bailado fabuloso.
- 16) a. A Maria deu uma arrumadela ao quarto.  
b. Os jornalistas fizeram a transcrição do debate.
- 17) a. \*O Pedro deu uma chegada/ida ao supermercado.  
b. \*O João fez uma chegada/ida ao supermercado.
- 18) a. \*Os fantasmas deram uma estada no castelo do conde.  
b. \*Os pais da Ana fizeram receio da tempestade.

(Duarte *et al.*, 2010, p. 1863)

De modo diferente, no PB, os verbos leves *dar* e *fazer* ocorrem combinados com nomes derivados de verbos de *achievements*, como *Vou dar uma **chegada** até o supermercado, antes de ir para o trabalho* e *Maria fez uma **chegada** triunfal no supermercado*.

A respeito do aspecto envolvendo o verbo leve, Scher (2004) afirma que, no PB, nas CVLs com *dar* mais nominalizações em *-ada*, o verbo leve *dar* contribui para a leitura de um evento realizado de forma mais pontual, rápida ou incompleta, em seus termos, uma leitura diminutivizada. De modo semelhante, Alves e Figueiredo (2018) argumentam que o verbo leve *fazer* preserva o traço [-instantâneo] do verbo pleno homônimo, contribuindo, então, para que a CVL *fazer uma caminhada*, por exemplo, não tenha a mesma interpretação da CVL *dar uma caminhada*: a primeira não denota uma leitura de evento realizado de forma mais rápida do que a última e isso parece ter influência também dos traços aspectuais contidos nesses verbos.

Os verbos leves *dar* e *fazer* apresentam algumas restrições com relação aos nomes com os quais se associam. *Dar* leve, por exemplo, só seleciona nomes denotadores de eventualidades que não apresentam os traços semânticos estaticidade (cf. (19a)) e telicidade intrínseca (cf. (19b)), afirmam Scher (2004) e Alves (2016). Essa restrição, no entendimento de Scher, ocorre porque *dar* leve tem propriedades de predicados de

eventos, possibilitando exigir um complemento que denote uma eventualidade que seja, no mínimo, dinâmica e/ou durativa, télica ou atélica, ou, ainda, uma eventualidade de completude reversível.

19) a. \*João *deu uma conhecida* em Maria.

b. \*João *deu uma morrida*.

Alves (2016) também mostra que o verbo leve *fazer* não se combina com nomes que expressam os traços semânticos estaticidade (cf. (20a)) e iteratividade (cf. (20b)). *Fazer* leve não se associa a nomes que denotam estaticidade, haja vista que é um verbo factitivo, que exige um evento dinâmico, e não se associa com nomes que expressam múltiplos eventos iterativos, pois expressa evento singular.

20) a. \*João *fez uma amada/conhecida* em Maria.

b. \*João *fez uma tossida/espurrada*.

Essas restrições, apontadas em (19) e (20), também estão relacionadas ao fato de que os verbos leves *dar* e *fazer* podem ser interpretados em termos de traços. Duarte *et al.* (2010), com base no modelo de Harley (2009)<sup>17</sup> para traços de especificação de verbalizadores, afirmam que no PE o verbo leve *dar* se define por sua subespecificação para os traços [ $\pm$ durativo], [ $\pm$ instantâneo] e [ $\pm$ mudança] e por sua não subespecificação para o traço [+dinâmico]. Já o verbo leve *fazer*, segundo os autores, é definido por meio de sua subespecificação para os traços [ $\pm$ durativo] e [ $\pm$ mudança], porém por sua especificação para o traço [-instantâneo] e para o traço [+dinâmico], características que ele compartilha com a sua contraparte plena, visto que *fazer* pleno exige um sujeito animado, agente da ação de construir algo concreto. O Quadro 1, a seguir, traz os traços que, na compreensão de Duarte *et al.*, definem esses dois verbos leves.

<sup>17</sup> De acordo com Harley (2009, p. 333), os sabores de  $v^0$  podem ser definidos pelos seguintes traços: a)  $v_{\text{cause}}$ : [+dinâmico], [+mudança de estado], [+causa]; b)  $v_{\text{become}}$ : [+dinâmico], [+mudança de estado], [-causa]; c)  $v_{\text{do}}$ : [+dinâmico], [-mudança de estado], [-causa]; e d)  $v_{\text{be}}$ : [-dinâmico], [-mudança de estado], [-causa].

Quadro 1. Traços que caracterizam os verbos leves *dar* e *fazer*

	[durativo]	[dinâmico]	[instantâneo]	[mudança]
Dar <sub>leve</sub>	±	+	±	±
Fazer <sub>leve</sub>	±	+	-	±

Fonte: Elaboração própria, baseada em Duarte *et al.* (2010, p. 3).

A partir da leitura do Quadro 1, entendemos, então, que *dar* leve está habilitado a se combinar com nomes que denotam ou não duração, mudança e instantaneidade, e que expressam dinamicidade; já *fazer* leve está habilitado a se associar a nomes que manifestam ou não duratividade e mudança, no entanto não àqueles nomes que não expressam dinamicidade ou que denotam múltiplos eventos instantâneos. Essas constatações foram confirmadas para o PB pelos dados de Alves (2016) e Alves e Figueiredo (2018) e parecem se revalidar pela análise das sentenças que compõem o *corpus* constituído por Alves (2022), como podemos notar pelos exemplos de (21) a (24).

- 21) a. Hoje *dei uma caminhada* ao redor da minha casa/loja e pude entrar na nossa linda Catedral Basílica Menor de Curitiba.  
 b. Hoje pela manhã *fiz uma caminhada* em Vilar dos Teles e no calçadão de Nova Iguaçu na companhia da prefeita e governadora Rosinha Garotinho.
- 22) a. Meu ateliê de laços, *dei uma arrumação* pra entrar um biombo só pra por arcos. Meu espaço é pequeno mas deu pra dar um jeitinho.  
 b. Minha tia *fez uma arrumação* horrível no meu quarto.
- 23) a. O puxador comprido na cor preta *deu um acabamento* elegante aos móveis da cozinha.  
 b. Fralda pintada Minnie, eu pintei e minha mãe *fez o acabamento*!!
- 24) Logo na tela de entrada do Windows (onde põe senha), a tela já *deu uma piscada*.

Como é possível observar, as formas duplas em (21), (22) e (23) confirmam o seguinte comportamento dos verbos leves *dar* e *fazer*: em (21), estão combinados com nomes que possuem os traços [+dinâmico], [+durativo] e [-mudança], uma vez que são derivados de *caminhar*, um verbo do tipo processo ou atividade; em (22), estão combinados com nomes que têm como base derivante o verbo *arrumar*, que apresentam os traços [+dinâmico], [+durativo] e [+mudança], um verbo do tipo processo culminado ou *accomplishment*; e em (23), estão associados a nomes derivados do verbo *acabar*, que tem o traço [-durativo], um verbo do tipo culminação ou *achievement*. Já em (24), *dar* leve está associado ao nome derivado do verbo *piscar*, que contém o traço [+instantâneo], um verbo do tipo semelfactivo, que expressa múltiplos eventos instantâneos. No *corpus* do estudo de Alves (2022), só não foram verificadas construções em que *dar* leve está combinado com nomes derivados de verbos do tipo estado (cf. (19a)) ou do tipo *achievement* que não permitem a reversibilidade da completude (cf. (19b)), e em que *fazer* leve está associado a nomes derivados de verbos do tipo estado (cf. (20a)) e do tipo semelfactivo (cf. (20b)), os quais manifestam múltiplas eventualidades pontuais.

Esses fatos nos permitem entender, portanto, as combinações de verbo mais nome nas CVLs do PB.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, realizamos uma incursão pelas características que os linguistas dispensam às CVLs, mostrando que há discordâncias, sobretudo, com relação à função que os elementos que as constituem assumem quanto à seleção argumental e à atribuição de papel temático.

Há uma vasta discussão a respeito do argumento externo. Ela gira em torno de que esse argumento é selecionado/projetado pelo verbo leve, com propostas, inclusive, de que no PB e no PE, há dois verbos leves *dar*: um que projeta e outro que não projeta o argumento externo, a depender do tipo de nome com o qual o verbo se combina. Aqui, defendemos, no entanto, que só há um verbo leve *dar* que tem como função abrir/projetar a posição do argumento externo na estrutura da sentença devido à incapacidade da nominalização para executar tal papel, e que a interpretação semântica do argumento externo está relacionada às propriedades da base de que deriva a nominalização. Em

outros termos, se a base da nominalização presente na CVL é do tipo que seleciona um argumento externo, por exemplo, *caminhar*, que exige um sujeito agentivo, uma CVL como *dar uma caminhada* terá um argumento externo com papel semântico de agente. Todavia, se a base da nominalização for do tipo que não seleciona um argumento externo, por exemplo, *emagrecer*, que seleciona um argumento interno com papel semântico de paciente, uma CVL como *deu uma emagrecida* não terá argumento externo, Spec, mas argumento interno que pode ser promovido a sujeito. Embora a discussão sobre o argumento externo tenha gerado discordâncias, houve convergências a respeito da seleção do PP quando aparece na construção. Pesquisadores advogam a favor da hipótese de que a seleção desse argumento mais interno à construção se dá pela nominalização. Dessa forma, concluímos que o principal predicado dessas sentenças é o nome, uma vez que participa da seleção do argumento externo e do argumento mais interno, porém o verbo leve tem papel determinante ao projetar a posição a ser ocupada por um desses argumentos, assegurando o *status* de predicado complexo das CVLs.

Outro ponto abordado e que gerou divergências é com relação às restrições de combinação do verbo leve com o nome. Vimos que o PB apresenta um comportamento diferente do italiano no que tange à transitividade da base do nome derivado que se combina com o verbo leve e que o PE ora se distancia, quando se trata do verbo leve *dar*, ora se aproxima, quando se trata do verbo leve *fazer*, do PB quanto às informações aspectuais que esses verbos leves exigem que os nomes com os quais se associam tenham. Revelamos que, no PB, o que está por trás das combinações dos verbos leves *dar* e *fazer* com nomes derivados de diferentes bases verbais é o fato de eles serem subespecificados para um conjunto de traços e especificado para outros, o que irá possibilitar ou bloquear tal combinação.

## REFERÊNCIAS

- ALBA-SALAS, J. *Light verb constructions in romance: a syntactic analysis*. 2002. Tese (Ph.D. of Philosophy) - Cornell University. Cornell University, 2002.
- ALEXIADOU, A. *Fuctional Structure in Nominals: nominalization and ergativity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

- ALVES, D. *Construções de verbo leve: o elemento nominal e a leitura final*. 2016, 239 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- ALVES, D; FIGUEIREDO, C. A formação do nominal nas construções com o verbo leve “fazer”, à luz da Morfologia Distribuída. *Tabuleiro de Letras*, Vol.: 12; nº. 01, p. 8-27, 2018.
- ALVES, D. A. *Construções com os verbos leves dar e fazer: classe única? Uma análise sintático-semântica à luz da Morfologia Distribuída*. 2022, 224 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.
- BASSO, R. M.; ILARI, R. Telicidade e Degree Achievements. Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, 6, 2004. Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- BUTT, M. The light verb jungle. *Conferência. Harvard/Dudley*, 2003.
- CAMPBELL, R. *The Grammatical Structure of Verbal Predicates*. Tese de Doutorado. Los Angeles: UCLA, 1989.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHOUPIA, C.; BRITO, A. M. Dar um beijo é a mesma coisa que dar um espirro? Para uma análise sintático-semântica de diferentes valores do verbo leve *dar* em português europeu. In: *A Linguística em Diálogo*. Volume Comemorativo dos 40 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto. Ed: Centro de Linguística da Universidade do Porto. VELOSO, João; SILVANO, Joana Guimarães, Purificação; SOUSA-SILVA, Rui (Editores), p. 153-176, 2018.
- DOWTY, D. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1979.
- DUARTE, I.; BRITO, A. M. Predicação e classe de predicadores verbais. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 179-203, 2003.
- DUARTE, I. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed., Lisboa, Caminho, p. 275-321, 2003.
- DUARTE, I.; GONÇALVES, A.; MIGUEL, M. Verbos leves com nomes deverbais em português europeu. *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística de Lisboa*, APL, p.315-328, 2006.
- DUARTE, I. et al. Light verbs features in European Portuguese. *Proceedings of the 2nd Interdisciplinary Workshop on the Identification and representation of Verb Features and Verb Classes*, Pisa, Italy, 2010.
- GRIMSHAW, J.; MESTER, A. Light verbs and  $\theta$ -marking. *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 205-232, 1988.
- HAEGEMAN, L. *Introduction to government and binding theory*. Blackwell: Oxford; 1997.
- HARLEY, H. The morphology of nominalizations and the syntax of vP. In: GIANNAKIDOU, A.; RATHERT, M. (eds). *Quantification, Definiteness, and Nominalization*. Oxford: Oxford University Press, p. 321-343, 2009.

JESPERSEN, O. *A Modern English Grammar on Historical Principles*. London: George Allen & Unwin, and Copenhagen: Ejnar Munksgaard, 1949.

KEARNS, K. *Light verbs in English*. Manuscript, Cambridge, MA: MIT, 2002.

LIN, J. Are Degree Achievements Really Achievements? *Proceedings of the 9th International Symposium on Chinese Languages and Linguistics (IsCLL-9)*, 2004. Disponível em: <[https://cs.uwaterloo.ca/~jimmylin/.../Lin\\_IsCLL9.pdf](https://cs.uwaterloo.ca/~jimmylin/.../Lin_IsCLL9.pdf)>. Acesso em: 16/03/2015.

MOURA NEVES, M. H. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCH, I. V. (Org.). *Gramática do português falado*. Vol VI: desenvolvimentos. Campinas: Unicamp, 1996.

RADFORD, A. *Syntax: a minimalist introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

ROCHA, L. C. As nominalizações no português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 8, n. 1, p. 5-51, 1999.

ROMERO-MÉNDEZ, R. *Spanish Light Verb Constructions: co-predication with syntactically formed complex predicates*. 2005. Disponível em: <<http://linguistics.bufflo.edu/people/faculty/vanvalin/rrg/Romero-%20Light%20Verbs.pdf>>. Acesso em: 15/09/2015.

SAMEK-LODOVICI, V. The internal structure of arguments and its role in complex predicate formation. *Natural Language and Linguistic Theory*, p.835-881, 2003.

SCHER, A. P. *As construções com o verbo leve “dar” e as nominalizações em -ada no português do Brasil*. Tese de doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

SMITH, C. *The Parameter of Aspect*. 2. ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.

TEIXEIRA DE SOUSA, L. Sujeito, tópico e concordância no português brasileiro. In: MARÇALO, M. J. et al. (Eds.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*, p. 53-73, 2010.

VENDLER, Z. *Linguistics and Philosophy*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1967.